

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



DUFFY, James (Elkton, Maryland, 1923 - Arlington, Massachusetts, 1999)

Nascido no dia 1 de maio de 1923, em Elkton, no Estado do Maryland, Estados Unidos da América (EUA), James Edward Duffy foi um dos precursores no estudo sistemático da história de África nos Estados Unidos da América. O seu contributo para a emergência da historiografia moderna sobre o colonialismo português contemporâneo foi muito relevante, tendo sido um dos pioneiros na análise de um conjunto de questões relacionadas com a instalação e o funcionamento do sistema colonial português em África, nomeadamente no âmbito da política indígena e das relações raciais entre portugueses e africanos.

Duffy fez os seus estudos universitários na Universidade da Carolina do Norte (*University of North Carolina*), tendo concluído a sua graduação (BA) em 1944. Nessa instituição trabalhou durante algum tempo como monitor de espanhol. Em data anterior a 1946, contraiu matrimónio com Chase Duffy. Tal como o marido, fez a sua graduação na Universidade da Carolina do Norte, distinguindo-se mais tarde, no campo profissional, como editora na *University of North Carolina Press*, na *Harvard University Press*, na *Philips Academy's Peabody Museum* (Andover) e na *Digital Press*. Até à sua morte, ocorrida no dia 16 de maio de 2011, Chase Duffy foi uma conhecida activista política do Partido Democrático.

Em 1946, James Duffy foi viver para a Guatemala, onde trabalhou – juntamente com a esposa – como professor de inglês no Instituto Gualtemalteco Americano, um centro cultural financiado pelo *State Department* norte-americano. Durante a sua permanência na Guatemala, realizou um MA em Espanhol na *Universidad de San Carlos de Guatemala*, concluído em 1947. Data também desta época o início da sua relação de amizade com outro eminente africanista, Philip D. Curtin, posteriormente seu colega de doutoramento em Harvard (Philip D. Curtin, *On the Fringes of History...*, 2005, pp. 48, 52-53). A permanência na Guatemala permitiu-lhe conhecer e viajar pela América Latina. Uma experiência de viagem que repetiria anos mais tarde, sempre na companhia da sua esposa, em África. Regressado aos Estados Unidos da América, uma vez terminado o trabalho para o *State Department*, James Duffy ingressou no doutoramento em Literatura Portuguesa na Universidade de Harvard, uma das instituições universitárias de maior prestígio nos Estados Unidos da América. Durante o doutoramento, foi discípulo de Francis M. Rogers, um dos mais distintos estudiosos do seu tempo da língua e da cultura portuguesa na academia norte-americana e director do Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Universidade de Harvard. Uma vez concluído o doutoramento, em 1952, James Duffy dedicou-se ao ensino universitário, tendo feito grande parte da sua



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

carreira como Professor de Línguas Românicas, com prevalência para o Espanhol, na Brandeis University, em Waltham, Massachusetts. De referir que, nos finais da década de 1950, recusou uma proposta de trabalho, feita por Philip D. Curtin, para ensinar na University of Wisconsin, preferindo manter-se como docente em Brandeis.

Em 1955, com trinta e dois anos de idade, publicou, pela Harvard University Press, o livro *Shipwreck & Empire. Being an Account of Portuguese Maritime Disasters in a Century of Decline*, que constituiu a sua primeira obra dedicada às questões ultramarinas portuguesas, ainda que com um enfoque mais literário e com uma cronologia mais recuada, centrada fundamentalmente nos séculos XVI e XVII. O seu interesse pela história colonial portuguesa mais recente terá surgido – ou pelo menos ganhou maior consistência – na sequência de uma visita prolongada a Angola e a Moçambique, efectuada nos anos de 1955 e de 1956. Durante essa visita, James Duffy contactou de perto com a realidade colonial portuguesa, nomeadamente com a situação de subalternidade económica, social e política das populações africanas. O contacto directo com a dura realidade da exploração colonial portuguesa em África, nomeadamente no campo dos atropelos aos direitos fundamentais da população negra, submetida ao Estado do Indigenato e legalmente compelida ao trabalho obrigatório, levou-o a assumir uma posição de crítica e de denúncia das injustiças e das iniquidades inerentes ao sistema colonial português.

Neste contexto, James Duffy tornou-se um dos principais críticos do colonialismo português no seio da academia norte-americana. Nos seus livros e noutros escritos, contestou e denunciou com veemência a política portuguesa de discriminação e de repressão da população indígena de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique. Em 1962, por exemplo, num programa organizado em Nova Iorque, a convite da Carnegie Foundation, James Duffy expôs de forma desassombrada as suas ideias, críticas e denúncias a respeito do colonialismo português em África (James Duffy, *Portugal's African Territories: Present Realities*, 1962).

Independentemente do seu engajamento político claramente anticolonial, James Duffy foi um historiador rigoroso e competente, tendo produzido vários trabalhos dignos de nota sobre o colonialismo português em África. Em 1959, publicou *Portuguese Africa*, pela Harvard University Press, com o patrocínio da Ford Foundation. Poucos anos depois, em 1962, publicou *Portugal in Africa*, pela Penguin Books. Este livro, objecto de várias reedições, tal como o anterior, contém um editorial da autoria de Ronald Segal, centrado na temática das “políticas coloniais iliberais”, preparando assim o leitor para o teor crítico da obra. De facto, nestes dois livros, James Duffy realizou uma avaliação crítica – historiograficamente sustentada – da presença colonial portuguesa em Angola e em Moçambique, desde o século XVI até à década de 1950. Descartando mitos e “fantasias” politicamente construídas acerca do colonialismo português, estabeleceu numa perspetiva histórica e de forma contextualizada as realidades da presença portuguesa no continente africano, debruçando-se sobre a alegada “missão colonizadora” – também dita “civilizadora” - de Portugal em África. Para o efeito, Duffy teve em consideração um conjunto de questões não só de ordem política, mas também de ordem económica, social e cultural, nomeadamente os problemas decorrentes da política indígena, do povoamento branco, do desenvolvimento económico, social e cultural das populações africanas, da exploração dos recursos naturais dos territórios submetidos à administração portuguesa, etc. Num balanço



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

global, Duffy considerou que Portugal não teria sido “bem-sucedido” na promoção da elevação das condições de vida das populações colonizadas, questionando se esse seria o real objectivo da “missão colonizadora” portuguesa. E, muito embora tivesse admitido a validade das reivindicações portuguesas de tolerância racial, pelo menos em comparação com outras realidades mais profundamente marcadas pelo racismo e pela segregação racial (por exemplo a África do Sul), considerou que Portugal mantinha a maioria da população africana numa situação de pobreza e de ignorância, submetendo-a a um regime de exploração contínua, em especial no campo laboral.

Posteriormente, em 1967, James Duffy publicou uma das mais duras críticas ao colonialismo português contemporâneo, focando a temática da escravatura e do trabalho forçado no Império português que constituem o tema central do seu livro *A Question of Slavery: Labour Policies in Portuguese Africa and the British Protest 1850-1920*. Publicado pela Oxford University Press, este livro pioneiro inspira ainda hoje muitos dos debates atuais sobre a natureza do colonialismo português em África, nomeadamente sobre as questões do racismo e da exploração laboral da população indígena, legalmente submetida formas de trabalho compelido pelo menos até 1961, demonstrando de forma categórica a permanência de situações de escravatura – ou de semiescravatura – nas colónias portuguesas até às primeiras décadas do século XX.

Para além destes livros, melhor conhecidos do público académico português, James Duffy publicou um conjunto de outros textos sobre temáticas relacionadas com a história e a política africanas. Por exemplo, em 1961, ditou, juntamente com Robert A. Manners, uma obra colectiva intitulada *Africa Speaks*, dedicada às questões políticas africanas, em especial à problemática da descolonização europeia e do acesso dos países africanos à independência. Esta obra foi publicada pela editora D. Van Nostrand Company, tendo edição simultânea nos Estados Unidos da América e no Canadá. De destacar também a participação de James Duffy em *Africa. A Foreign Affairs Reader*, editada por Philip W. Quigg, em 1964. Este volume reuniu vinte e quatro contribuições da autoria de vários académicos internacionais, bem como de conhecidas personalidades no campo da política e da cultura, entre as quais os líderes africanos Leopold Sedar Senghor, Sekou Toure e Kwame Nkrumah.

Pelos seus conhecimentos de história africana, Duffy foi amiúde consultado pelo *State Department* a respeito da situação na África Portuguesa. Para além disso, foi um dos primeiros membros da *African Studies Association* (ASA). Fundada em 1957, esta associação, que inicialmente só reunia académicos norte-americanos, constitui uma das mais reputadas associações de africanistas do mundo. Entre 1967 e 1968, foi Presidente da African Studies Association, sendo depois seu Secretário Executivo, durante cerca de onze anos, de 1969 até 1980. Graças ao trabalho desenvolvido por Duffy, a African Studies Association não só conseguiu superar uma crise profunda que abalou as suas estruturas associativas nos finais da década de 1960, como também conseguiu alargar a sua base de associados, tornando-se numa organização à escala mundial, ainda que sediada nos Estados Unidos da América. Em 16 de Outubro de 1980, na última reunião desta associação presidida por James Duffy, Larry W. Bowman, outro reputado académico africanista, prestou-lhe um tributo público, recordando o seu papel fundamental na consolidação, na afirmação e no crescimento dessa associação.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Pelo pioneirismo e rigor científico do seu trabalho, é de toda a justiça considerar James Duffy como um dos principais impulsionadores da historiografia sobre o colonialismo português contemporâneo, sendo que muitos dos tópicos por si abordados são ainda hoje objecto de estudo e de reflexão por parte da academia. Duffy faleceu no dia 2 de Dezembro de 1999, em Arlington, Massachusetts.

Bibliografia Ativa: DUFFY, James, *Shipwreck&Empire. Being an Account of Portuguese Maritime Disasters in a Century of Decline*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1955; *Portuguese Africa*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1959; *Africa Speaks*. Princeton: D. Van Nostrand Company, 1961; *Portugal's African Territories: Present Realities. Occasional Papers, n.º 1*, New York, Carnegie Endowment for International Peace, 1962; *Portugal in Africa*, Harmondsworth, Penguin Books, 1962; "Portugal in Africa" in QUIGG, Philip W., *Africa. A Foreign Affairs Reader*, New York / London: For the Council on Foreign Relations by Frederick A. Praeger, 1964; *A Question of f Slavery: Labour Policies in Portuguese Africa and the British Protest 1850-1920*. Oxford: Clarendon Press, 1967.

Bibliografia Passiva: BOWMAN, Larry. W., "Tribute to James Duffy and the Brandeis Staff of ASA" [*African Studies Association Annual Meeting*, Philadelphia, Pa., October 16, 1980]. *ASA News*, volume 14, n.º 1, March 1981, pp. 31-33; CURTIN, Philip D., *On the Fringes of History: A Memoir*, Athens, Ohio University Press, 2005; CURTO, Diogo Ramada, "A historiografia do império português na década de 1960: formas de institucionalização e projeções". *História da Historiografia*. Ouro Preto, n.º 10, 2012, pp. 111-123; "The Debate on Race Relations in the Portuguese Empire and Charles R. Boxer's Position". *e-Journal of Portuguese History*. Vol. 11, n.º 1, 2013, pp. 1-42; GUEDJ, Pauline, "Pan-Africanism in the Academia: John Henrik Clarke and the African Heritage Studies Association". *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Questões do tempo presente* [<https://journals.openedition.org/nuevomundo/69574?lang=pt#quotation>, posto em linha no dia 10 outubro 2016, consultado em 24 janeiro 2022]; <https://africanstudies.org/about-the-asa/asa-board-of-directors/past-presidents-of-the-asa/>; <https://www.librarything.com/author/duffyjames-1>; <https://www.nashobavalleyvoice.com/2011/05/20/chase-duffy-87-of-groton/>

Fernando Tavares Pimenta